



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2015

**ANA PATRÍCIA DOS
SANTOS FERREIRA**

**DINÂMICAS FAMILIARES DE ADOLESCENTES COM
DIFERENTE HISTORIAL DE ACOMPANHAMENTO
PSICOLÓGICO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica, realizada sob a orientação científica da Doutora Paula Vagos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho:

Ao meu Deus,

Aos meus pais, Sílvia e Walter,

Ao meu irmão, Daniel,

Ao meu amor, João,

Aos meus avós, Maria e Manuel, Rosa e Ismael.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora Anabela Maria Silva Pereira

Professora Associada com Agregação do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Maria Elisa Rolo Chaleta

Professora Auxiliar da Universidade de Évora

Prof.^a Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos

Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Desde o início deste processo que soube a tarefa árdua que teria pela frente. No entanto, tive sempre do meu lado pessoas incríveis que tornaram a carga mais leve, às quais quero agradecer.

Em primeiro lugar agradeço, de coração, à Professora Doutora Paula Vagos que foi mais do que uma orientadora. Sempre disponível para ajudar em tudo, ouvir, compreender e suportar as minhas obsessões. Obrigada pelo apoio incondicional!

Aos meus pais que sempre se esforçaram para me proporcionar o melhor de tudo em tudo. Nunca vou conseguir retribuir todo o vosso amor.

Ao Dany, o meu irmão e companheiro, que me animou tantas vezes sem saber. És o irmão que sempre desejei.

Ao João, o melhor presente de Deus na minha vida. Tanta paciência, ajuda, compreensão e incentivo... O meu grande amor és tu.

Aos meus familiares e amigos que tanto me ajudaram e apoiaram. Acreditem que o tempo não será suficiente para apagar os vossos gestos de carinho.

A todas as famílias e instituições que contribuíram para que este projeto se tornasse real.

E finalmente, Ao mais importante de todos, Ao meu sustento, Àquele que me carregou tantas vezes ao colo quando não conseguia mais. Tudo é por Ti e para Ti, Deus.

palavras-chave

Dinâmicas familiares, adolescentes, adaptabilidade conjugal, estilos educativos parentais, vinculação e saúde mental.

resumo

As dinâmicas familiares respeitantes às interações entre marido-mulher e pais-filho constituem um dos contextos mais estudados e importantes na atualidade. Os estudos têm mostrado que a saúde mental dos adolescentes é influenciada por estes padrões de interação.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo estudar as relações entre variáveis referentes à conjugalidade, estilos educativos parentais e qualidade de vinculação do adolescente às figuras parentais. Além disso, pretendeu-se verificar possíveis diferenças nestas dimensões entre adolescentes que nunca tiveram apoio psicológico, adolescentes que não têm atualmente este tipo de apoio mas que o tiveram no passado e adolescentes que se encontram a receber apoio psicológico atualmente. Foram estudadas 203 famílias, às quais pertenciam adolescentes entre os 11 e os 18 anos.

Verificou-se que a interação marido-mulher parece prever a interação pais-filho, embora este impacto se tenha mostrado de pequena magnitude. Além disso, os dados obtidos indicam que a qualidade de vinculação segura e os estilos educativos parentais se distinguem de acordo com a história de apoio psicológico, já que adolescentes que nunca tiveram acompanhamento psicológico relatam uma qualidade de vinculação mais segura ao pai e práticas parentais mais autoritativas por parte de ambos os pais, e adolescentes que têm acompanhamento psicológico relatam práticas parentais mais autoritárias. No entanto, é de salientar que os adolescentes que não têm apoio psicológico no presente mas que tiveram no passado apresentam resultados divergentes aos apresentados pelos adolescentes que nunca tiveram apoio psicológico e equivalentes aos que têm atualmente.

Em suma, os resultados alcançados levam a crer que as dimensões familiares conjugalidade, parentalidade e vinculação se mostram relacionadas e que as interações familiares poderão ter impacto sobre a saúde mental dos adolescentes. O presente estudo contribui, assim, para um melhor conhecimento e compreensão de diferentes dinâmicas referentes ao funcionamento familiar, o que, por sua vez, não só permite melhor direcionar a intervenção psicológica como melhor ponderar a decisão de término do acompanhamento.

keywords

Family interactions, teenagers, marital adaptability, parenting styles, attachment and mental health.

abstract

The family dynamics pertaining to the interactions between husband-wife and parents-children are one of the most important areas of our time, and a popular field of research. Studies have shown that teenagers' mental health is influenced by these patterns of interaction.

Thus, the present investigation aimed to focus on the relationship between the following variables: conjugality, parenting styles, and the quality of attachment between teenagers and parental figures. In addition, past and present history of psychological care was also considered. The sample was comprised of 203 families with teenagers aged 11 to 18.

It was observed that husband-wife interaction appears to predict parents-children interaction, although it has shown a small magnitude. The quality of secure attachment and parenting styles were found to vary with history of psychological care, since teens who never resorted to this support report a higher-quality secure attachment to father, and more authoritarian parenting styles in both parents. On the other hand, teens with present experiences of psychological support are linked to more authoritarian parents. We should also note that teenagers with previous history of psychological care show different results from those who never had this support, and show similar results from those who receive that support at the present moment.

In conclusion, the results lead us to believe that the family dimensions of conjugality, parenting and attachment are proven to be related, and family interactions can have an impact on teenagers' mental health. The current study thus contributes to improve the body of knowledge and understanding of different dynamics within family functioning, which, in turn, allow professionals to better direct the psychological intervention and to weigh the decision of ending therapy.

Índice

Introdução	1
Método.....	7
Participantes.....	7
Instrumentos.....	10
Ficha de dados sociodemográficos.....	10
Escala de Ajustamento Diádico-Revista (EAD-R).	10
Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP).	11
Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA).....	12
Procedimento	13
Procedimento de recolha da amostra.....	13
Procedimentos estatísticos.....	13
Resultados.....	14
Conjugalidade, parentalidade e vinculação.....	14
Comparação de médias entre grupos	18
Análises de regressão	21
Discussão	21
Referências	28

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização da amostra.....	8
Tabela 2: Correlações significativas entre variáveis	15
Tabela 3: Efeitos diretos das dimensões conjugais sobre o estilo parental da mãe.....	16
Tabela 4: Efeitos diretos das dimensões conjugais sobre o estilo parental do pai	17
Tabela 5: Efeitos diretos do estilo parental da mãe sobre a vinculação do adolescente à mãe	17
Tabela 6: Efeitos diretos do estilo parental do pai sobre a vinculação do adolescente ao pai	18
Tabela 7: Medidas descritivas do estilo da mãe na perspetiva do adolescente, por grupos	19
Tabela 8: Medidas descritivas do estilo do pai na perspetiva do adolescente, por grupos	20

Índice de Anexos

Anexo I: Autorizações dos autores dos questionários	33
Anexo II: Questionário sociodemográfico da mãe.....	34
Anexo III: Questionário sociodemográfico do pai.....	35
Anexo IV: Questionário sociodemográfico do adolescente dos grupos não clínicos 1 ou 2.....	36
Anexo V: Questionário sociodemográfico do adolescente do grupo clínico.....	37
Anexo VI: Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP).....	38
Anexo VII: Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA).....	40
Anexo VIII: Autorização do Concelho de Direção do Centro Hospitalar do Baixo Vouga, E.P.E.....	41
Anexo IX: Consentimento informado individual dos pais.....	42

A família é o primeiro e mais privilegiado sistema no qual a criança está inserida desde que nasce. Dado que os seus subsistemas estão em constante interação, influenciando e sendo influenciados (Dessen, 1997), é nele que essencialmente decorre a criação e aprendizagem de dimensões de interação importantes, tais como a comunicação e as relações interpessoais, e também onde a criança pode experienciar e estabelecer laços afetivos profundos (Alarcão, 2000). Neste sentido, os pais têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos. Por seu lado, com a diminuição de casamentos e contrastante aumento de divórcios em Portugal (I.N.E., 2014), a importância de encontrar a receita para um casamento feliz torna-se cada vez maior. Contudo, apesar de nas últimas décadas esta temática ter sido bastante estudada, não existem respostas diretas para esta questão devido à sua complexidade (Amato, Johnson, Booth, & Rogers, 2003).

Spanier (1976) elaborou um modelo explicativo da qualidade conjugal que, devido à sua forte fundamentação teórica e integração de diversas variáveis, é ainda hoje usado em inúmeras investigações. O autor associa a qualidade do casamento a conceitos como satisfação, consenso, coesão e adaptabilidade. Para Rollins & Feldman (1970) a satisfação conjugal corresponde à discrepância entre a conceção ideal e a perceção da realidade que o indivíduo tem quanto às qualidades pessoais, papéis, performance e objetivos para o seu parceiro, sendo que discrepâncias menores indicam maior satisfação conjugal. A satisfação conjugal centra-se, assim, no bem-estar individual e familiar (Stack & Eshleman, 1998). Nomeadamente, esta variável parece exercer influência sobre a saúde física e mental da família, na medida em que níveis elevados de satisfação conjugal estão intimamente relacionados com a boa saúde física e emocional tanto dos cônjuges como dos filhos (Markman & Halford, 2005; Rauer, Karney, Garyan, & Hou, 2008). Os estudos mostram que crianças cujos pais estão insatisfeitos com a sua relação conjugal estão mais sujeitas a sentimentos de tristeza e menos socialização, comparativamente a crianças cujos pais estão satisfeitos com o seu casamento (Fishman & Meyers, 2000).

O consenso conjugal constitui a perceção que o sujeito tem sobre o nível de concordância entre si e o seu parceiro (Pruchno, Burant, & Peters, 2013) e a coesão corresponde ao nível de ligação emocional entre o casal. Estas variáveis mostram-se relacionadas, já que quando os níveis de coesão são muito altos, característicos de famílias emaranhadas, há muito consenso entre o casal e pouca independência entre os cônjuges. Por outro lado, níveis equilibrados de coesão apontam para um relacionamento saudável,

onde subsiste senso de proximidade afetiva e autonomia dos cônjuges. Neste sentido, níveis muito altos ou muito baixos de coesão sugerem perturbações no funcionamento conjugal. Já a adaptabilidade consiste na capacidade de mudança na liderança, papéis e regras da relação, *i.e.*, na capacidade do casal em mudar e adaptar-se face a problemas situacionais ou decorrentes do ciclo vital familiar. Níveis equilibrados de adaptabilidade estão associados a um melhor funcionamento conjugal, onde as negociações são permitidas, incluindo o papel ativo das crianças, e níveis extremos a dificuldades na relação conjugal, tais como relações caóticas, decisões pouco refletidas e papéis pouco claros (Olson, 2000). Assim, segundo o Modelo Circumplexo dos Sistemas Familiares e Conjugais (Olson, Russell, & Sprenkle, 2014), é evidente que os sistemas familiares e conjugais equilibrados, em dimensões como a coesão e adaptabilidade, tendem a ser mais funcionais comparativamente aos sistemas desequilibrados, em todo o ciclo de vida.

A relação conjugal tem sido apontada como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, especialmente pela influência que tem nas relações que os pais estabelecem com os filhos (Dessen & Braz, 2000). A associação entre a interação conjugal e os comportamentos parentais pode ser explicada com base em três hipóteses: a) a hipótese compensatória, que defende que os pais, perante sentimentos de rejeição e insatisfação no subsistema conjugal, tendem a investir na relação pai-filho (Krishnakumar & Buehler, 2000), b) a hipótese de compartimentação, que sugere que os pais são capazes de conviver com os sentimentos negativos resultante da sua insatisfação conjugal, de um casamento infeliz, sem que tal interfira ou seja transferido para o seu papel de pai (Krishnakumar & Buehler, 2000), e c) a hipótese de *Spillover*. O conceito de *Spillover* sugere que a forma como são estabelecidas as relações conjugais tem consequências diretas sobre a relação pai-filho, na medida em que as emoções, o afeto e o humor gerados nas relações conjugais são transferidos para a relação parental (Gerard, Krishnakumar, & Buehler, 2006). Tal significa que, numa relação conjugal saudável, o estado de espírito positivo e o afeto gerado pela relação permite que os pais se envolvam em práticas parentais ideais, tais como o envolvimento e a consistência. Contudo, o afeto e humor criados por interações conjugais hostis são geralmente a raiva e a frustração, que surgem associados, por sua vez, com interações pai-filho disfuncionais (Krishnakumar & Buehler, 2000). Assim, este conceito diz-nos que um casal com altos níveis de conflito e baixos índices de satisfação conjugal apresenta algumas dificuldades de interação, tais como a

difficuldade em resolver problemas conjugais, a qual é caracterizada pela incapacidade em colaborar com o outro, comunicar-se de forma positiva e ser capaz de regular afetos negativos. Este tipo de casal irá apresentar as mesmas dificuldades enquanto pais, generalizando a sua postura enquanto cônjugues para a sua postura enquanto pais, adotando práticas educativas mais punitivas e menor proximidade afetiva (Krishnakumar & Buehler, 2000; Patterson, DeBaryshe, & Ramsey, 1989; Webster-Stratton & Hammond, 1999). Dependendo do estado emocional dos pais decorrente do conflito conjugal (que pode variar de frustração e raiva a desesperança), estes podem fornecer menos elogios, incentivos ou apoio empático aos filhos, dar ordens e instruções punitivas, ordens inconsistentes, e um acompanhamento deficitário (Krishnakumar & Buehler, 2000). As reações parentais aos fatores de *stress* conjugal podem, portanto, resultar em práticas parentais perturbadas (Nelson, O'Brien, Blankson, Calkins, & Keane, 2009).

Neste sentido, no que diz respeito às atitudes parentais, de interação pai-filho, Diana Baumrind (1978) definiu três estilos: autoritativo, autoritário e permissivo. Esta perspectiva ainda hoje continua forte e bastante usada no âmbito do estudo das famílias (Kawabata, Alink, Tseng, Ijzendoorn, & Crick, 2011; Piko & Balázs, 2012). Os pais autoritativos, o estilo ideal para a autora, são caracterizados pela forma racional como dirigem as atividades da criança. São pais bastante afetuosos, calorosos e responsivos com os seus filhos, encorajando a comunicação e as trocas verbais, e promovendo a autonomia e individualidade. Estes pais apresentam os motivos que os levam a tomar determinadas decisões, reconhecendo os direitos dos adultos e das crianças, e afirmam claramente os seus valores. São, de facto, pais que estão altamente envolvidos e comprometidos com a educação dos seus filhos, proporcionando-lhes um ambiente intelectualmente estimulante. Já os pais autoritários atuam de acordo com a crença de que a criança deve obedecer e aceitar as decisões deles, que são as mais corretas, colocando a criança num papel de subordinado. Contrariamente aos pais autoritativos, estes não promovem a independência e a expressão verbal, e apresentam níveis baixos de afetividade. Estes pais tanto podem ser muito preocupados e protetores, como negligentes. Finalmente, os pais permissivos caracterizam-se por uma postura tolerante e de aceitação face aos desejos, ações e impulsos da criança, evitam adotar uma atitude de autoridade e exercer controlo sobre a mesma, não impondo regras e limites. Estes pais têm-se como um recurso disponível à criança mas deixam à criança a responsabilidade por regular o curso do seu comportamento (Baumrind,

1978). Estes pais tanto podem ser muito protetores e amorosos, adotando um estilo permissivo-indulgente, como podem oferecer liberdade como forma de fugir à responsabilidade do desenvolvimento da criança, adotando um estilo permissivo-negligente (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Dada a importância da associação entre as dimensões da conjugalidade e da parentalidade, Olson (2000) elaborou um modelo explicativo teórico acerca desta correlação. No seu modelo o estilo autoritativo encontra-se associado a níveis equilibrados de adaptabilidade e coesão do subsistema conjugal; o estilo autoritário associado a baixos níveis de adaptabilidade, mas índices muito altos de coesão entre os cônjuges, e o estilo permissivo associado a níveis muito altos de adaptabilidade e coesão conjugal. Em particular, no que respeita ao estilo autoritativo, este é o que apresenta uma menor associação e negativa com o conflito conjugal (Gerard et al., 2006; Lindahl & Malik, 1999; Webster-Stratton & Hammond, 1999), ao contrário do estilo autoritário, que é o que mais se associa positivamente a essa variável (Lindahl & Malik, 1999). Estes resultados reforçam a ideia de que as associações mais fortes identificadas entre o conflito conjugal e a parentalidade ineficaz aparecem quando se associam altos níveis de conflito com estratégias educativas coercitivas e baixos níveis de aceitação afetiva, *i.e.*, com um estilo autoritário (Buehler & Gerard, 2002). De acordo com a hipótese *Spillover*, podemos pensar que estes casais, que recorrem a práticas educativas mais punitivas, geralmente são pessoas com dificuldade em resolver problemas e regular afetos no seu dia a dia, com o cônjuge e com o filho (Gerard et al., 2006; Patterson et al., 1989). Além disso, quanto mais altos os níveis de coesão e adaptabilidade conjugal maior a satisfação conjugal e a adesão a um estilo permissivo, e menor a adesão a um estilo autoritário. Assim, pode-se considerar que casais com níveis muito altos de proximidade afetiva e flexibilidade, veem potenciada a sua capacidade para lidar com desafios comuns na vida conjugal, estando satisfeitos com a mesma, bem como tendem a apresentar o mesmo tipo de proximidade e flexibilidade na relação com os filhos. Contudo, parece que esses altos níveis de adaptabilidade se refletem numa elevada responsividade aos filhos, concomitante à dificuldade de supervisionar, controlar e exercer exigência sobre o seu comportamento dos filhos (Mosmann, 2007).

A parentalidade parece também relacionar-se com a saúde mental dos adolescentes. Nomeadamente, estilos parentais caracterizados por níveis elevados de suporte e afeto, tais como o estilo autoritativo e o permissivo, foram relacionados com a diminuição da

depressão dos adolescentes (Hashimoto, Onuoha, Isaka, & Higuchi, 2011; Piko & Balázs, 2012). Isto porque altos níveis de apoio oferecidos pelos pais resultaram em níveis também mais elevados de autoestima do adolescente, os quais serviram como “amortecedores” contra a depressão (Plunkett, Henry, Robinson, Behnke, & Falcon, 2007). Por outro lado, estilos parentais caracterizados por falta de apoio, tais como o estilo autoritário, foram preditivos de níveis elevados de depressão (Plunkett et al., 2007); os filhos de pais autoritários exibem, também, níveis mais baixos de autoestima em comparação com filhos de pais com outros estilos parentais (Martínez & García, 2007). Finkenauer, Engels, e Baumeister (2005) mostraram que o esforço de controle parental sem a prestação de autonomia emocional, característico de práticas parentais autoritárias, tem efeitos contraproducentes sobre o comportamento problema dos adolescentes, o que é concordante com outros estudos (Barber, Olsen, & Shagle, 1994; Roberts & Steinberg, 1999). Os autores verificaram ainda que os pais que tinham sido perçecionados pelos seus filhos como sendo altamente restritivos e manipuladores apresentavam mais problemas de comportamento. Além disso, em famílias cujos pais invalidavam e manipulavam a experiência e expressão psicológica e emocional dos seus filhos, os filhos apresentavam níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais (Barber, 1996). Adolescentes cujos pais ignoram o seu ponto de vista, fazendo salientar e predominar a sua opinião, características do estilo autoritário, podem também apresentar problemas de comportamento externalizados, como comportamentos delinquentes, altos níveis de consumo de substâncias e início precoce da vida sexual, sendo que o adolescente recorre à hostilidade, para se expressar, em relação aos pais. Por outro lado, famílias emaranhadas, onde os pais demonstram passividade, característica associada ao estilo permissivo, estão correlacionadas com problemas de comportamento internalizados, tais como a depressão e a ansiedade, pois o adolescente não se sente capaz, nem merecedor de ver as suas necessidades serem satisfeitas (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998).

Associado a este tipo de interação complexa pai-criança, envolvendo os sistemas parental e filial, são criados laços profundos denominados por vinculação, um elemento essencial no desenvolvimento humano. Ao longo do crescimento da criança, a vinculação funciona como meio de transmissão de sentimentos de segurança e de confiança, que a ajudam a lidar com os seus medos, a explorar e a realizar comportamentos independentes, e desempenha também um modelo e experiência de relação que afeta as relações

subsequentes (Bowlby, 1969). Já durante a adolescência, segundo a Teoria da Vinculação (Bowlby, 1958), o sistema de vinculação sofre alterações, já que a criança vai adquirindo capacidades de autonomia crescentes, tornando menos urgente a proximidade com a figura vinculativa (Bowlby, 1969). Se as figuras de vinculação demonstrarem disponibilidade e abertura suficientes, o adolescente irá sentir-se seguro e consequentemente poderá construir uma personalidade estável e confiante (Bowlby, 1969).

De facto, têm sido encontradas várias associações entre o estilo parental e a qualidade de vinculação bem como os seus efeitos sobre o jovem. Nomeadamente, níveis elevados de vinculação de qualidade menos segura e práticas educativas ansiosas correlacionam-se positivamente com sintomatologia ansiosa elevada (Van Brakel, Muris, Bögels, & Thomassen, 2006). No seu estudo, Karavasilis e cols. (2003) verificaram que o estilo autoritativo promove um padrão de qualidade de vinculação seguro. De facto, a vinculação de qualidade segura em adolescentes, parece estar associada a práticas parentais menos rejeitantes e mais afetivas e calorosas (Muris, Meesters, & van der Berg, 2003), bem como com uma motorização mais próxima dos pais (Kerns, Gentzler, Grabill, & Aspelmeier, 2001). A vinculação desempenha, assim, um papel marcante no funcionamento psicossocial e na saúde mental do adolescente (Allen, Hauser, & Borman-Spurrell, 1996; Allen et al., 1998; Brown & Wright, 2001; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005). Bosmans e cols. (2006) verificaram que a vinculação aos pais medeia o controlo negativo e os problemas de comportamento em adolescentes. De facto, uma vinculação de qualidade segura permite à criança o desenvolvimento de características pessoais desejáveis, no sentido de uma maior autonomia em relação aos seus cuidadores. Comparativamente às crianças com vinculação de qualidade menos segura, estas crianças apresentam uma maior perseverança e colaboração na resolução de problemas e uma menor probabilidade de desenvolver problemas de comportamento durante a infância, ao contrário das crianças com vinculação de qualidade menos segura, que são mais suscetíveis de desenvolver psicopatologia (Sroufe et al., 2005). Por seu lado, os estudos têm verificado que a relação conjugal dos pais desempenha um efeito indireto sobre a vinculação que estes estabelecem com os filhos (Cummings & Davies, 2002). Nomeadamente, o conflito conjugal tem sido associado negativamente com a qualidade de vinculação do adolescente aos pais (Azam & Hanif, 2011).

Nesta perspectiva, o primeiro objetivo do presente trabalho é analisar a relação entre as variáveis conjugalidade, estilo parental e vinculação. O segundo objetivo consiste em verificar se as relações encontradas no primeiro objetivo são diferentes em adolescentes com diferentes históricos de saúde mental, nomeadamente: a) que não têm e nunca tiveram acompanhamento psicológico, b) que não têm acompanhamento psicológico no presente mas já tiveram no passado e c) com acompanhamento psicológico no presente. De acordo com a literatura, espera-se que a conjugalidade se mostre relacionada com o estilo parental e com a vinculação, e o estilo parental com a vinculação. Além disso esperamos que os pais de adolescentes com acompanhamento psicológico no presente apresentem níveis mais baixos de adaptabilidade conjugal, maior adesão a estilos parentais mais autoritários e uma vinculação de qualidade menos segura, comparativamente aos restantes grupos em análise, nos quais esperamos encontrar níveis mais elevados de adaptabilidade conjugal, maior adesão a estilos educativos autoritativos e uma vinculação de qualidade mais segura.

Método

Participantes

No presente estudo a amostra foi constituída por 203 famílias, sendo que em 197 participaram pelo menos um dos cuidadores e o adolescente. Os adolescentes têm idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, com uma média de 15.21 anos ($DP=1.77$), sendo 124 do sexo feminino (61.1%). As mães perfizeram um total de 189, com idades compreendidas entre os 25 e 64 anos, com uma média de 44.57 anos ($DP=5.62$). Os pais perfizeram um total de 146, com idades compreendidas entre os 26 e 62 anos, com uma média de 47.01 anos ($DP=6.44$). Em média os adolescentes têm 1 irmão ($M=1.21$, $DP=.92$), as mães têm 2 filhos ($M=2.05$, $DP=.94$), assim como os pais ($M=2.05$, $DP=.85$), sendo em média 1 deles em comum ($M=1.92$, $DP=.92$). Em 158 famílias (77.8%) o adolescente a participar era filho dos dois elementos do casal. Na tabela 1 estão apresentados os dados demográficos dos adolescentes participantes e seus cuidadores, em função do grupo em que foram inseridos.

Tabela 1: Caracterização da amostra (N = 203)

	<u>Grupo não clínico 1</u>		<u>Grupo não clínico 2</u>		<u>Grupo clínico</u>	
Adolescentes	N	%	N	%	N	%
Sexo						
Feminino	77	60,6%	24	70,6%	23	60,5%
Masculino	50	39,4%	10	29,4%	15	39,5%
Ano de escolaridade						
6º	5	3,9%	-	-	-	-
3º Ciclo	50	39,4%	7	20,6%	21	55,2%
Ensino secundário	69	54,3%	26	76,4%	17	44,8%
1º ano Ensino Superior	1	0,8%	-	-	-	-
Trabalhador(a)	1	0,8%	-	-	-	-
Escolaridade das mães						
4º ano	8	6,3%	2	5,9%	4	10,5%
6º ano	13	10,2%	3	8,8%	5	13,2%
9º ano	23	18,1%	8	23,5%	3	7,9%
12º ano	33	26,0%	10	29,4%	8	21,1%
Ensino Superior	40	31,4%	8	23,6%	8	21,1%
Escolaridade dos pais						
4º ano	9	7,1%	-	-	1	2,6%
6º ano	15	11,8%	5	14,7%	2	5,3%
9º ano	28	22%	8	23,5%	6	15,8%
12º ano	18	14,2%	7	20,6%	1	2,6%
Ensino Superior	30	23,5%	5	14,7%	5	13,1%

Nota: Em relação aos grupos familiares, em quatro famílias o adolescente não respondeu ao protocolo de avaliação e em duas famílias a mãe e o pai não responderam aos respetivos protocolos de avaliação. Dois adolescentes não deram informação sobre o ano de escolaridade em que se encontravam, 23 mães e 59 pais não deram informação sobre o seu grau de instrução e 26 mães ou pais não responderam à questão se o adolescente a participar no estudo é filho em comum.

As famílias com filhos adolescentes que não têm acompanhamento no presente nem tiveram no passado constituíram o que nomeámos de grupo não clínico 1, perfazendo um total de 127. As idades dos adolescentes estão compreendidas entre os 11 e os 18 anos, com uma média de 15.13 anos (DP=1.89), sendo 77 do sexo feminino (60.6%). As mães

perfizeram um total de 120, com idades compreendidas entre os 31 e os 64 anos, com uma média de 44.36 anos ($DP=5.41$). Os pais perfizeram um total de 103, com idades compreendidas entre os 32 e os 62 anos, com uma média de 47.08 anos ($DP=6.08$). Em média os adolescentes têm 1 irmão ($M=1.19$, $DP=0.94$), as mães têm 2 filhos ($M=2.04$, $DP=0.87$), assim como os pais ($M=2.06$, $DP=0.83$), sendo em média os dois em comum ($M=1.98$, $DP=0.87$). Em 113 famílias (89%) o adolescente a participar era filho dos dois elementos do casal.

As famílias com adolescentes que não têm acompanhamento psicológico no presente mas que já tiveram no passado formaram o que designámos de grupo não clínico 2, perfazendo um total de 34. As idades dos adolescentes estão compreendidas entre os 13 e os 18 anos, com uma média de 15.88 anos ($DP=1.27$), sendo 24 do sexo feminino (70.6%). As mães perfizeram um total de 33, com idades entre os 25 e os 56 anos, com uma média de 45.88 anos ($DP=6.14$). Os pais perfizeram um total de 25, com idades compreendidas entre os 26 e os 58 anos, com uma média de 47.68 anos ($DP=8.19$). Em média os adolescentes têm 1 irmão ($M=1.48$, $DP=0.94$), as mães têm 2 filhos ($M=2.20$, $DP=0.89$), assim como os pais ($M=2.15$, $DP=1.08$), sendo em média os dois em comum ($M=2.04$, $DP=1.21$). Em 22 famílias (64.7%) o adolescente a participar era filho dos dois elementos do casal.

As famílias com filhos adolescentes que têm acompanhamento psicológico no momento de recolha de dados constituíram o que denominámos de grupo clínico, perfazendo um total de 38. As idades dos adolescentes estão entre os 12 e os 18 anos, com uma média de 14.87 anos ($DP=1.61$), sendo 23 do sexo feminino (60.5%). As mães perfizeram um total de 33, com idades compreendidas entre os 34 e os 57 anos, com uma média de 44.24 anos ($DP=6.04$). Os pais perfizeram um total de 15, com idades compreendidas entre os 34 e os 56 anos, com uma média de 45.47 anos ($DP=6.38$). Em média os adolescentes têm 1 irmão ($M=1.08$, $DP=0.82$), as mães têm 2 filhos ($M=2.00$, $DP=1.21$), assim como os pais ($M=1.89$, $DP=0.58$), sendo em média 1 deles em comum ($M=1.58$, $DP=0.76$). Em 21 famílias (55.3%) o adolescente a participar era filho dos dois elementos do casal.

Instrumentos¹

Ficha de dados sociodemográficos.

Foram entregues fichas de dados sociodemográficos individuais a cada elemento de cada família participante, a saber, mãe (cf. Anexo II), pai (cf. Anexo III) e adolescente dos grupos não clínicos 1 e 2 (cf. Anexo IV) e do grupo clínico (cf. Anexo V). A ficha de dados sociodemográficos contém questões relativas aos dados sociodemográficos e médicos psicológicos do respondente. No caso dos pais, as suas fichas de dados sociodemográficos contêm ainda dados relativos à sua relação conjugal.

Escala de Ajustamento Diádico-Revista (EAD-R).

A Escala de Ajustamento Diádico-Revista (EAD-R; Pereira, Canavarro, & Davide, em estudo) corresponde à versão portuguesa da *Dyadic Adjustment Scale-Revised* (Busby, Christensen, Crane, & Larson, 1995). Este instrumento permite avaliar o ajustamento das relações conjugais. A partir de uma análise fatorial confirmatória, confirmou-se que os 14 itens que constituem este instrumento surgem divididos em três escalas – consenso, satisfação e coesão. A escala de consenso reverte para a perceção que o indivíduo tem sobre o nível de concordância entre ele e o seu parceiro, quanto a assuntos importantes para o seu funcionamento conjugal; permitindo avaliar as dimensões de tomada de decisão, valores e afeto, sendo que quanto maior for a pontuação maior o consenso percebido entre o casal. A satisfação avalia a perceção individual quanto à existência de desentendimentos e de arrependimento face à relação; abrangendo as dimensões de estabilidade e conflito, sendo que quanto maior a pontuação na subescala de conflito menor o conflito. Finalmente, a coesão refere-se à perceção do sujeito relativa ao envolvimento, discussão e partilha de interesses, atividades e ideias, bem como ao compartilhamento emocional do casal; sendo constituída pelas dimensões de atividades e discussão, sendo que quanto maior a pontuação maior a coesão percebida entre o casal. Os itens do instrumento são classificados segundo quatro tipos de escala: do item 1 ao 6, a escala varia de “Sempre de acordo” (5) a “Sempre em desacordo” (0); do item 7 ao 10 varia desde “Sempre” (0) a “Nunca” (5); o item 11 é composto por uma resposta que varia desde “Nunca” (0) a “Frequentemente” (5). Sendo assim, este instrumento permite obter uma pontuação total

¹ A utilização dos questionários a seguir mencionados no presente estudo teve a devida autorização dos autores responsáveis pelas suas versões portuguesas (cf. Anexo I).

que reverte para o ajustamento da relação, e ainda uma pontuação multidimensional referente às três escalas mencionadas, sendo que quanto mais elevados os valores da pontuação total e das subescalas melhor o relacionamento conjugal (Busby et al., 1995).

Dado que a validação desta escala para a população portuguesa encontra-se atualmente em curso, as características psicométricas disponíveis correspondem ao estudo original da EAD-R; os quais revelaram valores α de Cronbach de .81 para a escala de consenso diádico, .85 para a escala de satisfação, .80 para a de coesão, e .90 para o resultado total, indicando boas qualidades psicométricas (Busby et al., 1995). No presente estudo, os valores de consistência interna foram satisfatórios. Nomeadamente, para a escala de Consenso da mãe o α de Cronbach foi de .80 e do pai foi de .86. Para a escala de Satisfação da mãe o α de Cronbach foi de .76 e do pai foi de .86. Para a escala de Coesão da mãe o α de Cronbach foi de .76 e do pai foi de .75. Para a escala total da mãe o α de Cronbach foi de .86 e do pai foi de .89.

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP).

O Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP; Carapito, Pedro, & Ribeiro, 2013; cf. Anexo VI) corresponde à versão portuguesa do *Parenting Styles and Dimension Questionnaire* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001). Este instrumento permite identificar o estilo parental, bem como as práticas parentais específicas subjacentes, das figuras educativas de adolescentes. O QDEP é composto por 64 itens divididos em duas secções, sendo que a primeira (32 itens) se refere à perceção sobre o próprio estilo parental e a segunda (32 itens) versa sobre a perceção sobre o estilo parental do outro progenitor/cuidador. No presente estudo foi elaborada a adaptação das secções para os adolescentes, obtendo uma primeira secção referente à perceção sobre o estilo parental da mãe, e uma segunda referente à perceção sobre o estilo parental do pai. Por sua vez, cada secção é composta por três escalas referentes aos três estilos parentais mencionados. A escala do estilo autoritativo é constituída por 15 itens divididos pelas subescalas ligação, regulação e autonomia. A escala do estilo autoritário contém 12 itens divididos pelas subescalas coerção física, hostilidade verbal e punição. Finalmente, a escala do estilo permissivo é constituída por 5 itens não incluindo subescalas. Os itens do instrumento são classificados segundo uma escala Likert de 1 (nunca) a 5 (sempre). Sendo assim, este instrumento permite obter pontuação para cada escala e subescala, sendo que

quanto mais elevados os valores de cada uma das escalas tanto maior o uso de práticas parentais associadas ao respetivo estilo parental (Carapito et al., 2013).

Os níveis de consistência interna obtidos na aferição do instrumento para a população portuguesa foram satisfatórios, com um α de Cronbach de .88 para o estilo autoritativo, de .73 para o estilo autoritário, e de .62 para o permissivo (Carapito et al., 2013). No presente estudo os valores de consistência interna revelaram-se aceitáveis (Tabela 7 e 8).

Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA).

O Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA; Neves, Soares, & Silva, 1999) (cf. Anexo VII) corresponde à versão portuguesa do Inventory of Parents and Peers Attachment (Armsden & Greenberg, 1987). Este instrumento permite avaliar os níveis de segurança percebidos pelos adolescentes e jovens adultos relativamente aos seus pais e pares, *i.e.*, a qualidade de vinculação do adolescente face às suas figuras vinculativas atuais. Na sua versão original (Armsden & Greenberg, 1987), o IPPA é constituído por 75 itens divididos em três secções, cada uma composta por 25 afirmações, referentes à vinculação à mãe, ao pai e aos amigos, respetivamente. Na versão portuguesa (Neves, Soares, & Silva, 1999), contudo, e a partir de uma análise fatorial de fatores principais (PFA), com rotação varimax, as secções do questionário são constituídas apenas por 21 questões. Além disso, por não fazer parte dos objetivos do presente estudo, a secção referente aos amigos não foi incluída no protocolo de avaliação. Os itens do instrumento são classificados segundo uma escala Likert de 1 (quase nunca ou nunca) a 5 (quase sempre ou sempre). Sendo assim, o inventário permite obter uma pontuação total, sendo que quanto mais alto o seu valor, melhor a qualidade da vinculação (vinculação mais segura).

A análise de consistência interna, relativa às escalas que constituem o questionário na versão portuguesa, revelou valores satisfatórios. Nomeadamente, apresenta um α de Cronbach de .92 para a escala de vinculação à mãe, de .95 para a escala de vinculação ao pai e de .93 para a escala de vinculação aos amigos (Neves, Soares, & Silva, 1999). No presente estudo os valores de consistência interna revelaram-se, também, satisfatórios. Nomeadamente, apresenta um α de Cronbach de .84 para a escala de vinculação à mãe e de .86 para a escala de vinculação ao pai.

Procedimento

Procedimento de recolha da amostra.

Os critérios de seleção das famílias foram os seguintes: a) existência de pelo menos um filho adolescente com idade compreendida entre 11 e 18 anos no núcleo familiar² e b) pais/cuidadores e adolescente coabitarem a maior parte do tempo. Importa referir que os cuidadores não tinham de ser necessariamente pais biológicos. As famílias participantes foram divididas em grupo não clínico 1, grupo não clínico 2 e grupo clínico. O grupo não clínico 1 foi constituído por famílias cujos filhos adolescentes participantes no estudo nunca receberam acompanhamento psicológico até à data da recolha de dados, o grupo não clínico 2 incluiu famílias cujos adolescentes participantes não estavam a receber acompanhamento psicológico no presente mas já tinham recebido no passado, e o grupo clínico incluiu famílias cujos adolescentes participantes estavam no momento da recolha de dados a receber acompanhamento psicológico (psicólogo ou pedopsiquiatra). Ambos os grupos foram recolhidos por conveniência, tendo por base contactos prévios entre a equipa de investigação e diversas instituições, pelos quais foi facilitada a recolha de dados, tendo sido sempre obtidas as autorizações necessárias, quer institucionais (cf., por exemplo, Anexo VIII), quer dos pais dos participantes no presente estudo (cf. Anexo IX).

No que diz respeito ao procedimento da recolha da amostra clínica, quando a investigadora tinha contacto com a família, inicialmente procedia à explicação do objetivo do estudo e informações necessárias, entregando posteriormente a ficha do consentimento informado aos cuidadores e obtendo o consentimento informado verbal do adolescente. O protocolo de investigação era então entregue à família, para ser preenchido em função da sua disponibilidade e devolvido, assim que possível, à investigadora. Relativamente aos participantes do grupo não clínico, onde a investigadora apenas teve contacto com os adolescentes, foram dadas todas as informações, pedindo, adicionalmente, que as mesmas fossem transmitidas aos cuidadores. A investigadora agendou, então, um novo encontro nas respetivas instituições, onde os adolescentes puderam entregar os consentimentos informados assinados e os questionários preenchidos.

Procedimentos estatísticos.

² No caso de famílias onde existia mais do que um filho que preenchia os critérios de inclusão, apenas era permitida uma participação por família, relativamente a um dos filhos.

Para as análises estatísticas foi usado o IBM SPSS Statistics 21. Devido ao facto de os dados da grande maioria das escalas não seguirem uma distribuição normal, foram usados testes não paramétricos. Para a realização do primeiro objetivo foram feitas análises correlacionais e de regressões múltiplas, e para o segundo objetivo foram realizadas análises descritivas e de regressão linear.

Resultados

Conjugalidade, parentalidade e vinculação

Foram encontradas correlações negativas entre a satisfação conjugal e os estilos permissivo e autoritário, para avaliações relativas à mãe. Por seu turno, as variáveis relativas à relação conjugal enquanto percebida pelo pai correlacionaram-se de forma significativa e positiva com o estilo autoritativo e com a qualidade da vinculação ao pai percebida pelo filho. A vinculação à mãe descrita pelo filho também se associou de forma positiva e significativa à percepção da sua mãe enquanto autoritativa e à satisfação conjugal descrita pela mãe. Por fim, a qualidade da vinculação relacionou-se de forma negativa à percepção de estilos permissivos em pai e mãe e de estilo autoritário na mãe, e de forma positiva e significativa à percepção do estilo autoritativo no pai (Tabela 2). Assim, de uma forma geral, quanto maior a satisfação com a relação conjugal, melhor a vinculação, maior a prática de comportamentos parentais autoritativos e menor a prática de comportamentos parentais autoritários e permissivos. Ainda, quanto melhor a qualidade da vinculação, menor a prática de comportamentos parentais autoritários e permissivos.

Tabela 2: Correlações significativas entre variáveis

Medida	1	2	3	4	5	6	7
1. DAS-Consenso	--						
2. DAS-Satisfação		--			-.28**	-.22*	.21*
3. DAS-Coesão			--				
4. QDEP-Autoritativo	.22*	.20*	.18*	--			.75***
5. QDEP-Autoritário					--		-.42***
6. QDEP-Permissivo						--	-.22**
7. IPPA	.22*	.28**	.21*	.77***		-.17*	--

Nota: Acima da diagonal são apresentados os valores relativos à mãe e abaixo da diagonal os valores relativos ao pai.

*** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$;

Conforme observamos na tabela 2, as correlações mais altas foram obtidas entre a escala do estilo autoritativo e a vinculação, quer relativamente ao pai quer relativamente à mãe. A correlação mais baixa foi obtida entre a escala do estilo permissivo e a vinculação, ambos também preenchidos pelo adolescente relativamente ao pai.

Com o intuito de testar os efeitos indiretos/de mediação que pudessem existir entre a conjugalidade e a vinculação dos adolescentes ao pais, por intermédio do tipo de estilo parental adotado, para além dos efeitos diretos da conjugalidade sobre os estilos parentais, por um lado, e dos estilos parentais sobre a vinculação, por outro, foram realizadas três tipos de análise de regressão múltipla. O primeiro consistiu na análise dos efeitos diretos das dimensões conjugais sobre os estilos parentais, o segundo dos efeitos diretos dos estilos parentais sobre a qualidade da vinculação, e o terceiro dos efeitos diretos das dimensões conjugais sobre a vinculação. A confirmar-se estes três pressupostos, poder-se-á avançar para a análise de efeitos indiretos, das dimensões conjugais sobre a vinculação por intermédio dos estilos parentais.

No que diz respeito as estilos parentais da mãe como variável dependente (Tabela 3) verificou-se que a sua perceção relativamente ao consenso na tomada de decisão e coesão na realização de atividades entre si e o seu parceiro prediz respetivamente negativa e positivamente o uso de estratégias parentais autoritativas de acordo com a visão do adolescente em relação à mãe, $F_{(2,118)}=3.62$, $p=.03$, $r^2=.06$. A perceção da mãe quanto à

existência de conflito conjugal prediz positivamente o uso de estratégias parentais autoritárias de acordo com a visão do adolescente em relação à mãe, $F_{(1,126)}=4.33$, $p=.04$, $r^2=.03$. Finalmente, apurou-se ainda que a percepção de estabilidade conjugal da mãe prediz negativamente o uso de estratégias parentais permissivas de acordo com a visão do adolescente em relação à mãe, $F_{(1,126)}=4.55$, $p=.04$, $r^2=.04$.

Tabela 3: Efeitos diretos das dimensões conjugais sobre o estilo parental da mãe

	B	SEB	β
Autoritativo			
DAS – Consenso – Tomada de Decisão	-1.81	.98	-.17 ^{ns}
DAS – Coesão - Atividades	1.16	.48	.23*
Autoritário			
DAS – Satisfação - Conflito	-.75	.36	-.18*
Permissivo			
DAS – Satisfação - Estabilidade	-.37	.17	-.19*

* $p<.05$; ^{ns} não significativo

Relativamente aos estilos parentais do pai como variável dependente (Tabela 4), verificou-se que a percepção do consenso quanto aos valores entre si e a sua parceira prediz positivamente o uso de estratégias autoritativas de acordo com a visão do adolescente em relação ao pai, $F_{(1,117)}=6.18$, $p=.01$, $r^2=.05$. A percepção de discussão entre si e a sua parceira prediz positivamente o uso de estratégias autoritárias de acordo com a visão do adolescente em relação ao pai, $F_{(1,121)}=4.76$, $p=.03$, $r^2=.04$. Finalmente, averiguou-se que a percepção de consenso na tomada de decisão e discussão entre si e a sua parceira prediz respetivamente negativa e positivamente o uso de estratégias permissivas de acordo com a visão do adolescente em relação ao pai, $F_{(2,121)}=3.19$, $p=.045$, $r^2=.05$.

Tabela 4: Efeitos diretos das dimensões conjugais sobre o estilo parental do pai

	B	SEB	β
Autoritativo			
DAS – Consenso – Valores	2.11	.85	.23*
Autoritário			
DAS – Coesão - Discussão	.52	.24	.20*
Permissivo			
DAS – Consenso – Tomada de Decisão	-.46	.20	-.21*
DAS – Coesão - Discussão	.26	.14	.18 ^{ns}

* $p < .05$; ^{ns} não significativo

No que diz respeito à vinculação à mãe como variável dependente, observou-se que o uso de estratégias autoritativas como a ligação e autonomia prediz positivamente a qualidade de vinculação do adolescente à mãe e o uso de estratégias autoritárias como a hostilidade verbal prediz negativamente esta variável, $F_{(3,154)}=113.57$, $p=.00$, $r^2=.69$ (Tabela5).

Tabela 5: Efeitos diretos do estilo parental da mãe sobre a vinculação do adolescente à mãe

	B	SEB	β
Vinculação			
QDEP – Autoritativo - Ligação	1.10	.14	.52*
QDEP – Autoritário – Hostilidade Verbal	-.70	.16	-.20*
QDEP – Autoritativo - Autonomia	.65	.15	.29*

* $p < .001$

Relativamente à vinculação ao pai como variável dependente, apurou-se que o uso de estratégias autoritativas como a autonomia e a ligação predizem positivamente a qualidade de vinculação do adolescente ao pai e o uso de estratégias permissivas prediz negativamente esta variável, $F_{(3,140)}=80.63$, $p=.00$, $r^2=.64$ (Tabela6).

Tabela 6: Efeitos diretos do estilo parental do pai sobre a vinculação do adolescente ao pai

	B	SEB	β
Vinculação			
QDEP – Autoritativo - Autonomia	1.06	.20	.49*
QDEP – Autoritativo – Ligação	.70	.20	.32*
QDEP – Permissivo	-.54	.17	-.17**

* $p < .001$; ** $p < .01$

Finalmente, foi feita a análise dos efeitos diretos das dimensões conjugais sobre a vinculação à mãe e ao pai. Quanto à mãe, nenhuma das dimensões conjugais exerceram poder preditivo sobre a vinculação. Relativamente ao pai verificou-se que a percepção de conflito entre si e a sua parceira prediz negativamente a qualidade de vinculação do adolescente ao pai, $F_{(1,110)}=6.62$, $p=.01$, $r^2=.06$; $B=1.48$, $SEB=.58$, $\beta=.24$, $p<.05$.

Embora significativo, a percepção do conflito perdiz um variância muito reduzida da qualidade de vinculação, pelo que se optou por não avançar na análise de efeitos indiretos/de mediação, prevendo a sua não significância.

Comparação de médias entre grupos

Para a localização das diferenças entre grupos, e uma vez que estão a ser utilizados testes não paramétricos, quando os resultados do teste Kruskal-Wallis foram significativos, foi necessário realizar comparações dois a dois. Para estas comparações, foi utilizado um nível de significância corrigido, dividindo o valor de p (0.05) pelo número de comparações a realizar (3), obtendo um valor de $p \leq .016$.

Estilos parentais.

No respeito ao estilo parental da mãe, verificamos existirem diferenças significativas entre adolescentes pertencentes aos diferentes grupos na subescala de ligação ($\chi^2(2)=7.95$, $p=.02$), de regulação ($\chi^2(2)=7.12$, $p=.03$) e de autonomia ($\chi^2(2)=15.75$, $p=.00$), pertencentes à escala do estilo autoritativo do adolescente, bem como na medida de escala completa ($\chi^2(2)=10.93$, $p=.00$). Do mesmo modo, verificamos existirem diferenças significativas na subescala de coerção física ($\chi^2(2)=16.58$, $p=.00$) e punição ($\chi^2(2)=9.48$, $p=.01$), pertencentes à escala do estilo autoritário, bem como na medida da escala completa ($\chi^2(2)=13.75$, $p=.00$).

As medidas descritivas referentes ao estilo parental da mãe para os três grupos em análise estão apresentadas na tabela 7. No questionário do estilo parental relativo à mãe, os adolescentes do grupo não clínico 1 obtiveram pontuações mais elevadas na subescala de ligação ($z=-2.64$, $p=.01$), de regulação ($z=-2.67$, $p=.01$) e de autonomia ($z=-3.78$, $p=.00$), todas pertencentes à escala do estilo autoritativo, e comparativamente ao grupo clínico. De igual modo, estes adolescentes obtiveram pontuações mais elevadas na escala do estilo autoritativo ($z=-3.31$, $p=.00$), comparativamente ao grupo clínico. Ainda no mesmo questionário, os adolescentes do grupo clínico obtiveram pontuações mais elevadas na subescala de coerção física, comparativamente ao grupo não clínico 1 ($z=-3.56$, $p=.00$) e ao grupo não clínico 2 ($z=-3.45$, $p=.00$), e na subescala punição ($z=-3.07$, $p=.00$), comparativamente ao grupo não clínico 1, ambas as subescalas pertencentes à escala do estilo autoritário. De igual modo, estes adolescentes obtiveram pontuações mais elevadas na escala do estilo autoritário ($z=-3.74$, $p=.00$), comparativamente ao grupo não clínico 1.

Tabela 7: Medidas descritivas do estilo da mãe na perspectiva do adolescente, por grupos

	<u>Grupo não clínico 1</u>		<u>Grupo não clínico 2</u>		<u>Grupo clínico</u>	
	M	DP	M	DP	M	DP
Estilo Autoritativo ($\alpha=.92$)	55.38	11.70	53.88	12.24	46.91	12.47
Ligação ($\alpha=.85$)	19.42	4.24	19.58	4.78	16.97	5.03
Regulação ($\alpha=.83$)	17.93	4.77	17.52	4.72	15.57	4.65
Autonomia ($\alpha=.81$)	18.26	4.09	16.56	4.18	14.86	4.73
Estilo Autoritário ($\alpha=.77$)	23.24	5.19	24.03	6.66	27.84	7.23
Coerção Física ($\alpha=.78$)	4.99	1.57	4.91	2.13	6.42	2.67
Hostilidade Verbal ($\alpha=.61$)	11.06	2.68	11.24	3.16	12.11	3.02
Punição ($\alpha=.68$)	7.31	2.49	7.88	2.88	9.32	3.63
Estilo Permissivo ($\alpha=.55$)	10.44	3.18	11.09	3.65	11.34	3.47

No que respeita ao estilo parental do pai, verificamos existirem diferenças significativas entre adolescentes pertencentes aos diferentes grupos na subescala de ligação ($\chi^2(2)=7.33$, $p=.03$), de regulação ($\chi^2(2)=7.79$, $p=.02$) e de autonomia ($\chi^2(2)=12.55$, $p=.00$),

pertencentes à escala do estilo autoritativo do adolescente, bem como na medida da escala completa ($\chi^2(2)=8.24, p=.02$).

As medidas descritivas referentes ao estilo parental do pai para os três grupos em análise estão apresentadas na tabela 8. Quanto ao estilo parental do pai, os adolescentes do grupo não clínico 2 obtiveram pontuações mais elevadas na subescala de ligação ($z=-2.56, p=.01$), pertencente à escala do estilo autoritativo, comparativamente ao grupo clínico. Ainda relativamente à mesma escala, os adolescentes do grupo não clínico 1 e do grupo não clínico 2 obtiveram pontuações mais elevadas do que os do grupo clínico nas subescalas de regulação ($z=-2.58, p=.01$ e $z=-2.44, p=.015$, respetivamente) e de autonomia ($z=-3.38, p=.001$ e $z=-2.86, p=.004$, respetivamente). De igual modo, os adolescentes do grupo não clínico 1 ($z=-2.57, p=.01$) e do grupo não clínico 2 ($z=-2.65, p=.01$) obtiveram pontuações mais elevadas do que os do grupo clínico na escala do estilo autoritativo.

Tabela 8: Medidas descritivas do estilo do pai na perspetiva do adolescente, por grupos

	<u>Grupo não clínico 1</u>		<u>Grupo não clínico 2</u>		<u>Grupo clínico</u>	
	M	DP	M	DP	M	DP
Estilo Autoritativo ($\alpha=.95$)	48.78	14.43	50.39	12.86	40.61	14.30
Ligação ($\alpha=.87$)	16.16	5.05	17.48	4.85	13.76	5.73
Regulação ($\alpha=.89$)	16.07	5.74	16.64	4.82	13.18	4.74
Autonomia ($\alpha=.89$)	16.50	5.09	16.76	4.83	12.70	5.31
Estilo Autoritário ($\alpha=.81$)	22.32	6.49	21.55	5.69	24.19	9.22
Coerção Física ($\alpha=.92$)	5.29	2.72	4.79	2.11	6.09	3.94
Hostilidade Verbal ($\alpha=.62$)	9.74	2.53	9.93	2.36	9.68	3.56
Punição ($\alpha=.71$)	7.32	2.89	6.83	3.01	8.12	3.56
Estilo Permissivo ($\alpha=.61$)	9.35	3.18	10.55	4.03	9.60	3.50

Vinculação.

No que respeita à vinculação, verificamos existirem diferenças significativas entre adolescentes pertencentes aos diferentes grupos no questionário de vinculação do adolescente relativo ao pai ($\chi^2(2)=7.87, p=.02$). Assim, os adolescentes do grupo não clínico 1 ($z=-2.64, p=.01$) obtiveram pontuações mais elevadas ($M=64.56, DP=10.98$), do

que os adolescentes do grupo clínico ($M=57.18$, $DP=12.04$). As pontuações do grupo não clínico 2 foram semelhantes as do grupo não clínico 1 ($M=64.29$, $DP=10.29$).

Análises de regressão

Foi realizada uma análise de regressão múltipla, tendo a variável grupo como dependente, considerando um escalonamento pelo menos intervalar entre os três grupos, do mais leve ao mais grave ao nível da saúde mental atual. Quando feita a análise de regressão obteve-se um modelo significativo [$F_{(2,89)}=6.51$, $p=.00$]. Este modelo inclui dois preditores, a saber, a subescala de atividades pertencente à escala coesão conjugal do pai ($\beta=-0.25$, $p=.01$) e a subescala de punição pertencente à escala do estilo autoritário do questionário preenchido pelo adolescente em relação à mãe ($\beta=0.25$, $p=.01$), indicando que a percepção do homem quanto à realização de atividades em conjunto com a sua companheira e a percepção dos adolescentes quanto à utilização de estratégias autoritárias de punição por parte da mãe influenciam a pertença a um dos grupos. Em particular, quanto maior a coesão percebida pelo pai e menor o recurso a práticas parentais autoritárias, maior a probabilidade de pertencer a um grupo com sintomatologia mais leve da saúde mental. Este modelo explica 13% da variância dos resultados de pertença a grupo ($r^2=0.13$).

Discussão

As relações do seio familiar desempenham um papel marcante no crescimento e desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1978; Bowlby, 1969; Rauer et al., 2008). Assim, a presente investigação tinha como primeiro objetivo verificar a relação entre as variáveis conjugalidade, estilos parentais e vinculação. No que respeita às variáveis conjugalidade e estilos parentais verificámos que a percepção de maior coesão conjugal surgiu associada a uma tendência para a utilização de práticas parentais autoritativas, particularmente no caso dos pais homens. Estes resultados levam a acreditar que casais que partilham tempo, interesses e ideias entre si, discutindo calmamente os seus pontos de vista (Hernandez & Hutz, 2009), são também pais que promovem o mesmo padrão de comunicação com os filhos, estimulando a sua expressão e individualidade, apresentando os seus argumentos sem desvalorizar o ponto de vista da criança, característico de um estilo autoritativo (Baumrind, 1978). Além disso, estes casais onde também predomina o afeto, estão mais disponíveis para ser mais calorosos com os filhos. Portanto, o envolvimento conjugal

satisfatório poderá tornar os pais mais dispostos a envolverem-se e comprometerem-se também com os seus filhos, adotando uma postura mais positiva em relação a eles, o que, por sua vez, faculta um ambiente familiar mais estimulante e saudável. Estes resultados vão de encontro com a literatura, na qual se pensa que as dificuldades de comunicação e resolução de problemas na vida conjugal se estendem também à relação pais-filho (Krishnakumar & Buehler, 2000). Neste caso podemos pensar que as capacidades de comunicação e interação na relação conjugal também se aplicam à relação com os filhos.

No caso das mães, aquelas que recorrem menos a um estilo permissivo e autoritário descreveram-se como mais satisfeitas com a sua relação conjugal. Estes resultados corroboram estudos anteriores, nos quais níveis baixos de satisfação conjugal, medidos através da existência de conflito, mostraram associações fortes com parentalidade ineficaz (Buehler & Gerard, 2002; Lindahl & Malik, 1999). Assim, tal poderá querer dizer que a ausência de conflito ente o casal promove na mãe uma sensação de satisfação e estabilidade, o que fomenta nela o mesmo desejo para a sua relação com o filho, não adotando práticas conflituosas ou descuidadas, como poderia acontecer se tal se verificasse na sua relação conjugal. Podemos ainda pensar que, dado que estas mães estão satisfeitas com a sua relação conjugal, não estão arrependidas no que respeita a esta união e vida diária em conjunto (Busby et al., 1995) e estão também mais motivadas para investir numa relação mais positiva com o filho, com vista uma esfera familiar positiva na sua totalidade. Desta forma, a satisfação conjugal poderá ser um estimulante para o bom investimento das mães na sua relação com os filhos e consequentemente para uma esfera familiar saudável.

Por seu lado, no caso dos pais, aqueles que percecionam existirem muitos momentos de partilha de ideias e interesses com a sua companheira, são descritos pelos filhos como recorrendo mais a estratégias autoritárias e permissivas. Estes resultados poderão dever-se aos vários níveis de coesão tal como Olson (2000) refere, *i.e.*, níveis muito elevados de coesão encontram-se associados a estilos mais autoritários e permissivos. Logo, podemos pensar que homens que estão excessivamente envolvidos na sua relação conjugal, ao partilhar a maior parte do seu tempo com a sua companheira, não estão disponíveis para investir tempo de qualidade com os filhos, recorrendo ao seu papel como pai para impor decisões sem promover a partilha verbal e emocional, típico de um estilo autoritário (Baumrind, 1978). Por outro lado, estes homens também podem adotar uma postura tolerante e distanciada, ao colocar na criança a responsabilidade de si mesma,

deixando-a tomar as suas próprias decisões sem restrição, característico de um estilo permissivo (Baumrind, 1978), focando todos os seus recursos, instrumentais e afetivos, na relação conjugal. Nestas circunstâncias, podemos pensar que estes níveis positivos excessivamente altos de envolvimento conjugal poderão causar algum desconforto por parte da criança, que pode não se sentir integrante do sistema familiar, quer por não se valorizar as suas ideias, quer por não se investir afetivamente nela.

Ainda relativamente à conjugalidade e estilos parentais, verificou-se que em casais que apresentavam baixo consenso na tomada de decisão, as mães adotavam um estilo mais autoritativo e os pais um estilo mais permissivo. Estes dados são reflexo oposto de dados já divulgados, que associam a qualidade conjugal e acordo no estilo parental com o ajustamento da criança (Gable, Crnic, & Belsky, 1994; Harvey, 2000; Margolin, Gordis, & John, 2001). Em particular, os nossos dados apontam para que, uma vez que o casal não chega a consenso no momento de tomar decisões, as mães adotam uma postura de comunicar com os filhos, regulando os seus comportamentos mas simultaneamente dando-lhes autonomia, enquanto os pais evitam adotar uma atitude, não colocando regras nem limites. Esta divergência pode ser benéfica para o adolescente, na medida em que pelo menos uma das figuras parentais investe na relação pai-filho, mas simultaneamente prejudicial, já que o outro elemento não se mostra envolvido na regulação do jovem. De facto, os estilos parentais são conceituados como interdependentes, sendo que esta relação entre as práticas parentais da mãe e do pai têm uma contribuição importante no funcionamento da criança, talvez até mais importante do que os estilos parentais dos elementos em separado (Block, Block, & Morrison, 1981; Gable et al., 1994; Lindsey & Mize, 2001). No que respeita à diferença de género nas práticas parentais dos pais ainda existe pouca informação, no entanto, parece haver alguma indicação de que as mães tendem a usar práticas parentais típicas do estilo autoritativo e os pais do estilo autoritário (Russell et al., 1998; Russell, Hart, Robinson, & Olsen, 2003; Tein, Roosa, & Michaels, 1994). No entanto, estas ainda são conclusões prematuras, e difíceis de generalizar à nossa amostra, por terem sido recolhidas com amostras muito mais jovens do que utilizada no presente estudo. A crescente autonomia e questionamento do adolescente podem influenciar os estilos parentais adotados para com ele (Padilla-Walker, Carlo, Christensen, & Yorgason, 2012), refletindo-se, nomeadamente, numa maior permissividade por parte do

pai, encontrada no presente trabalho, enquanto a mãe se mantém afetiva e instrumentalmente mais próxima e ativa.

No que diz respeito às variáveis estilos parentais e vinculação também se verificaram relações pertinentes. Pais que recorrem a estratégias autoritativas, particularmente de ligação e autonomia, têm filhos com uma qualidade de vinculação mais segura relativamente a eles. Pais que recorrem a estratégias permissivas têm filhos com uma qualidade de vinculação menos segura a eles. Mães que recorrem a estratégias mais autoritárias, especialmente a hostilidade verbal, têm filhos com uma qualidade de vinculação menos segura em relação a elas. Estes resultados corroboram as descobertas de estudos anteriores, nos quais as práticas típicas do estilo autoritativo mostraram promover uma qualidade de vinculação segura (Karavasilis et al., 2003; Kerns et al., 2001; Muris et al., 2003). Tal poderá indicar que pais que investem na sua relação com os filhos, ao dirigirem e regularem a sua atividade sem controlar, *i.e.*, promovendo a sua autonomia, mas que partilham afetos, são calorosos e responsivos com eles, típicos de um estilo autoritativo (Baumrind, 1978), transmitem-lhes um sentimento de segurança quanto ao seu envolvimento e disponibilidade. Em contrapartida, quando os pais impõe as regras sem promoção de expressão verbal por parte do adolescente, características de um estilo autoritário (Baumrind, 1978), este sente-se inseguro pois as suas ideias e necessidades não são ouvidas e, por isso, não são respondidas. Da mesma forma, filhos de pais permissivos poderão sentir-se pouco ligados aos pais pois vêm que estes não parecem investir na sua vida, tendo de ser eles próprios a gerir os acontecimentos, o que lhes poderá fazer concluir que os pais não são uma fonte de segurança, na qual podem confiar e descansar, sabendo que as suas necessidades poderão ser respondidas.

Finalmente, no que diz respeito à conjugalidade e vinculação os resultados foram de encontro ao esperado. Filhos cujos pais estão mais adaptados conjugalmente tendem a apresentar uma qualidade de vinculação mais segura, particularmente em relação aos pais homens. Tal poderá querer dizer que em famílias onde predomina a estabilidade conjugal, os adolescentes sentem-se mais seguros relativamente aos pais, sabendo que estes estão envolvidos com a sua vida e disponíveis para responder às suas necessidades. Verificou-se uma relação de predição neste âmbito, onde baixos níveis de conflito conjugal e, portanto, elevada satisfação marital, se mostraram associados a uma qualidade de vinculação mais segura do adolescente ao pai. Estes resultados corroboram os resultados obtidos por Azam

& Hanif (2011), no qual o conflito conjugal foi negativamente associado com a qualidade de vinculação aos pais. Tendo em conta os resultados mencionados, podemos pensar que quando existe diminuída frequência de desentendimentos entre o casal e que o homem não se mostra arrependido face à sua relação e, portanto, está satisfeito com a sua vida conjugal, transmite esse sentimento de satisfação ao filho que, não só sente que a sua relação com o pai está segura, como a relação dos pais enquanto casal também parece assegurada e, portanto, o futuro da família não está em risco.

O segundo objetivo da presente investigação era verificar se existiam diferenças entre os grupos nas variáveis e relações descritas acima. No que diz respeito à conjugalidade, ao contrário do esperado, não se obtiveram diferenças significativas entre os grupos. Tal pode dever-se ao facto de muitos dos pais pertencentes ao grupo clínico não terem participado no estudo e, portanto, a amostra não ter sido suficientemente heterogénea para obter resultados mais esclarecedores. Por isso, sugerem-se estudos futuros com uma amostra de maior dimensão. Ainda assim, podemos verificar que homens que percecionam elevada coesão entre si e a sua parceira, particularmente na realização de atividades em conjunto, parecem ter filhos com sintomatologia mais leve de saúde mental. Olson (2000) refere que, num relacionamento saudável, os cônjugues apresentam níveis equilibrados de coesão, *i.e.*, os elementos do casal têm momentos de partilha mas também de autonomia, o que leva a um bom funcionamento conjugal. Por sua vez, Olson, Russell, & Sprenkle (2014), afirmam que os sistemas familiares e conjugais equilibrados, nomeadamente ao nível da coesão, tendem a ser mais funcionais. Assim, podemos pensar que casais que passam tempo em conjunto, realizando atividades, mas que simultaneamente têm tempo em separado, funcionam bem enquanto casal, e que esse bom ambiente se estende ao funcionamento familiar, proporcionando aos filhos uma esfera de crescimento saudável.

Relativamente aos estilos parentais verificaram-se, de facto, diferenças entre os grupos. Nomeadamente, os pais dos adolescentes que nunca tiveram acompanhamento psicológico parecem ser mais autoritativos do que os pais de adolescentes que têm acompanhamento psicológico. Estes resultados corroboram estudos anteriores, já que o estilo autoritativo se tem mostrado relacionado com resultados positivos dos adolescentes ao nível da sua visão acerca do futuro (McCabe & Barnett, 2000), da escolaridade (Chao, 2001), das relações interpessoais (Kawabata et al., 2011) e menos sintomatologia depressiva (Hashimoto et al., 2011; Plunkett et al., 2007). Tal poderá indicar que a

interação positiva pais-filhos, onde os pais comunicam com os filhos, promovem a sua autonomia, são afetuosos com eles e se interessam pela sua vida, cria na criança sentimentos igualmente positivos, de valorização, de percepção de autocontrolo e de maior motivação pelo que o rodeia, tendo assim benefícios na sua saúde mental.

Neste sentido, poderíamos à partida pensar que os adolescentes que não têm acompanhamento psicológico mas que já tiveram anteriormente apresentariam os mesmos resultados. No entanto, tal não se verificou, já que estes adolescentes apresentaram resultados divergentes dos apresentados pelos adolescentes que nunca tiveram acompanhamento psicológico e dos que têm atualmente, situando-se entre ambos. Como vimos, o estilo parental tem implicações sobre a saúde mental dos filhos (Martínez & García, 2007; Piko & Balázs, 2012). Além disso, sabe-se que o acompanhamento psicológico termina quando o jovem alcança a recuperação (Ledley, Marx, & Heimberg, 2005). Assim, podemos pensar que estes adolescentes deixaram de ter apoio psicológico antes de recuperarem, apresentando apenas melhorias.

Estas descobertas fazem ainda mais sentido quando olhamos para os resultados relativos às mães dos adolescentes que têm apoio psicológico, que recorrem mais a práticas autoritárias, como a coerção física e a punição, do que as mães dos adolescentes que nunca tiveram apoio psicológico e do que os que não têm mas já tiveram. Estes resultados vêm de encontro a achados anteriores, onde o uso de práticas parentais coercivas foi associado a um aumento de problemas de internalização no adolescente, tais como o retraimento social, queixas somáticas e problemas de atenção (Smokowski, Rose, & Bacallao, 2010; Yeh, 2011). Além disso, a percepção por parte dos adolescentes de um maior uso de estratégias autoritárias, tal como a punição, por parte da mãe parece prever uma maior gravidade de sintomatologia de saúde mental. Estes resultados vão de encontro com a literatura, na medida em que estratégias autoritárias estão associadas a problemas do foro emocional e comportamental no adolescente (Barber et al., 1994; Finkenauer et al., 2005; Kawabata et al., 2011; Martínez & García, 2007; Roberts & Steinberg, 1999). Assim, tendo em conta os resultados obtidos e a contribuição destes autores, podemos pensar que estas mães, ao não permitirem que os seus filhos exponham as suas opiniões e emoções, recorrendo à coerção física e à punição para impor as suas ideias e decisões, incitam o retraimento dos filhos, que não verbalizam o que pensam e sentem. Tal, por sua vez, gera problemas do foro emocional e comportamental, levando à necessidade de apoio psicológico.

Finalmente, os adolescentes que nunca tiveram acompanhamento psicológico têm uma qualidade de vinculação mais segura ao pai do que os adolescentes que têm acompanhamento psicológico. Estes resultados corroboram as descobertas de estudos anteriores, onde a vinculação de qualidade menos segura se mostrou associada a características de menor saúde mental (Allen et al., 1998; Sroufe et al., 2005). Tal poderá significar que pais homens que estabelecem uma forte ligação com os seus filhos, respondendo às suas necessidades, contribuem para uma menor suscetibilidade à doença mental. Estes resultados diferenciados dos pais homens podem dever-se ao aumento tendencial, nos últimos anos, de envolvimento do pai na vida das crianças que residem com as duas figuras parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Adicionalmente, a gestão de algumas limitações que reconhecemos a este trabalho em investigações futuras poderão ajudar a melhor compreender e possivelmente generalizar os resultados alcançados. Ao contrário do esperado, não se verificaram diferenças significativas de conjugalidade nos diferentes grupos. Tal poderá dever-se ao fator de desejabilidade social ativado na resposta aos instrumentos de avaliação utilizados no presente estudo, uma vez que, embora tenha sido dada a indicação de que deveria ser cumprido o critério de confidencialidade, os adolescentes podiam, objetivamente, ter acesso aos questionários dos pais. O facto de os dados de adaptabilidade conjugal pertencerem à perceção dos pais e os correspondentes ao estilo parental e vinculação pertencerem à perceção do adolescente, e, portanto, a perceção do funcionamento familiar não pertencer à mesma pessoa, poderá também ter contribuído para a diminuição do impacto dos resultados. Assim, sugere-se a replicação do presente estudo com a utilização de um método que assegure a confidencialidade entre os elementos da família e o mesmo respondente a todas as escalas. Apesar de não ser o nosso objetivo, verificaram-se diferenças entre mãe e pai, tornando-se, assim, fundamental uma maior exploração deste facto. Bem como explorar possíveis diferenças nas variáveis em estudo tendo em conta o historial de acompanhamento psicológico dos pais. Além disso, seria igualmente interessante estudar efeitos de mediação das variáveis em estudo entre grupos diferenciados de gravidade de saúde mental. A obtenção de amostras de tamanhos similares para estes grupos poderá permitir que tal seja feito por recurso a modelos de equações estruturais, contribuindo para melhor conhecer os mecanismos pelos quais a conjugalidade pode interferir na vivência parental.

De uma forma geral, os resultados encontrados entre as variáveis de conjugalidade sobre os estilos parentais sustentam a hipótese de *Spillover*. De facto, a interação marido-mulher parece prever a interação pais-filho, embora este impacto se tenha mostrado de baixa magnitude. Além disso, verificámos que as famílias dos adolescentes que não têm acompanhamento psicológico atualmente mas que já o tiveram no passado representam um grupo indistinto quer daqueles sem história de acompanhamento psicológico quer daqueles que usufruem deste acompanhamento no presente. Assim, de forma a que o pós-intervenção se aproxime seguramente do grupo normativo e se afaste significativamente de grupos psicopatológicos, tudo aponta para a necessidade de uma intervenção ao nível da parentalidade no âmbito da intervenção psicológica, como fundamental para a mudança de estratégias parentais e consequente qualidade de vinculação, e, por sua vez, o retomar do equilíbrio emocional e comportamental do adolescente e da família. Assim, torna-se fundamental a continuação da exploração daquele que é o maior e mais importante contexto da vida do adolescente, procurando obter resultados mais esclarecedores.

Referências

- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares: uma visão sistemática*. Coimbra: Quarteto.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., & Borman-Spurrell, E. (1996). Attachment theory as a framework for understanding sequelae of severe adolescent psychopathology: an 11-year follow-up study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(2), 254–263. doi:10.1037/0022-006X.64.2.254
- Allen, J. P., Moore, C., Kuperminc, G., & Bell, K. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69(5), 1406–1419. doi:10.2307/1132274
- Amato, P. R., Johnson, D. R., Booth, A., & Rogers, S. J. (2003). Continuity and Change in Marital and Change Between Continuity Quality 1980 and 2000. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 1–22. doi:10.1111/j.1741-3737.2003.00001.x
- Azam, A., & Hanif, R. (2011). Impact of parents' marital conflicts on parental attachment and social competence of adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(2), 157–170. doi:10.1080/17405620903332039
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67(6), 3296–3319. doi:10.1111/j.1467-8624.1996.tb01915.x
- Barber, B. K., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65(4), 1120–1136. doi:10.2307/1131309
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence. *Youth & Society*, 9(3), 239. doi:10.1177/0044118X7800900302
- Block, J. H., Block, J., & Morrison, A. (1981). Parental Agreement-Disagreement on Child-rearing Orientations and Gender-related Personality Correlates in Children. *Child Development*, 52(3), 965–974. doi:10.2307/1129101
- Bosmans, G., Braet, C., Van Leeuwen, K., & Beyers, W. (2006). Do parenting behaviors predict externalizing behavior in adolescence, or is attachment the neglected 3rd factor? *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 373–383. doi:10.1007/s10964-005-9026-1

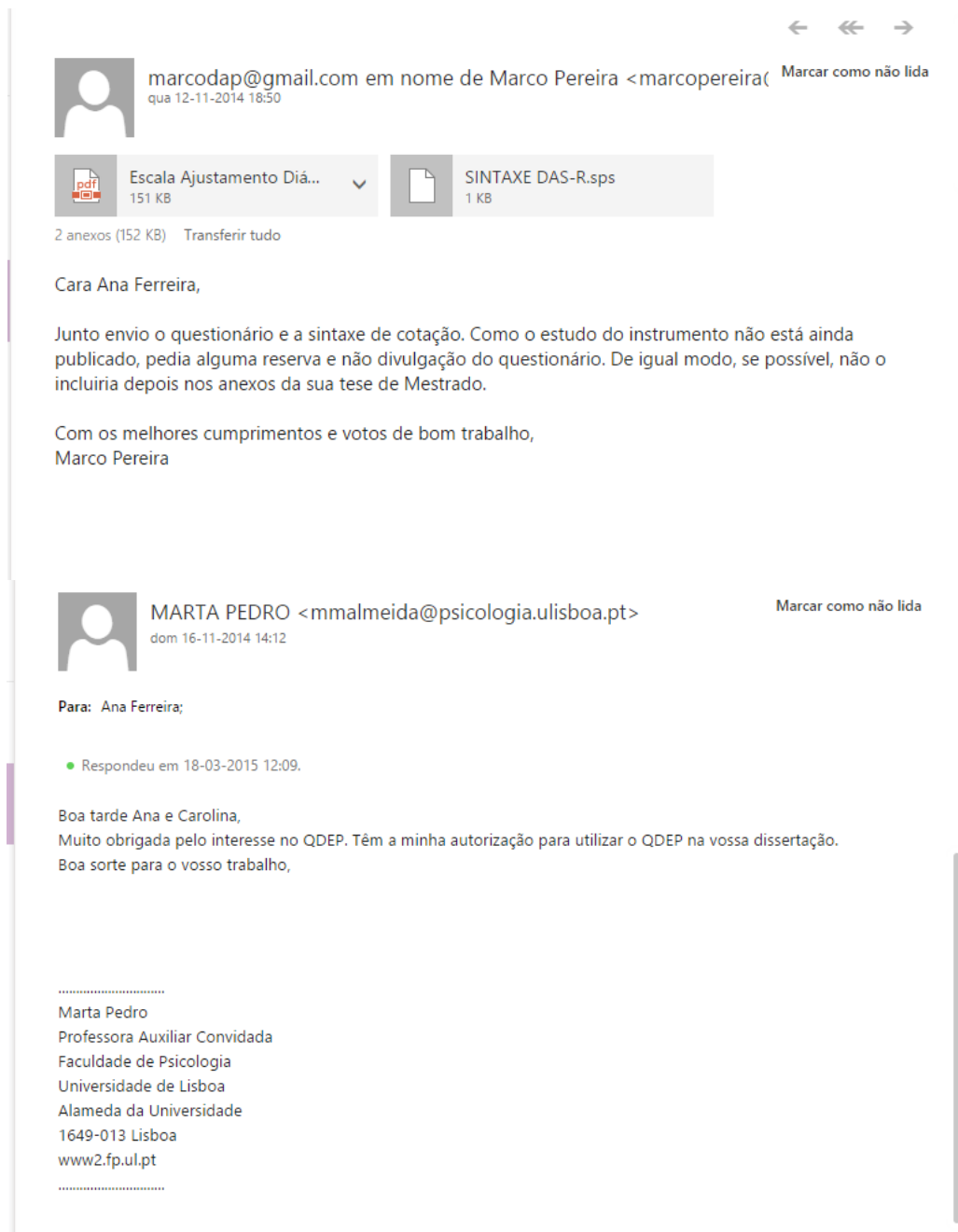
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of PsychoAnalysis*, 39, 350–373.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Attachment (Vol 1)*. New York: Basic Books.
- Brown, L. S., & Wright, J. (2001). Attachment Theory in Adolescence and its Relevance to Developmental Psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 8(1), 15–32. doi:10.1002/cpp.274
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital Conflict, Ineffective Parenting, and Children's and Adolescents' Maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 78–92. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289–308. doi:10.1080/01926189108250835
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127–136.
- Carapito, E., Pedro, M., & Ribeiro, M. T. (2013). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão Portuguesa de Autorrelato Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – The Portuguese Self-Report Version. *Psicologia Repl Exão E Crítica*, 28(2), 302–312. doi:10.1590/1678-7153.201528210
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia Em Estudo*, 8, 45–54. doi:10.1590/S1413-73722003000300007
- Chao, R. K. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72(6), 1832–1843. doi:10.1111/1467-8624.00381
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children : recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 1(1), 31–63. doi:10.1111/1469-7610.00003
- Dessen, M. A. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas Em Psicologia*, 5(3), 51–61.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 16(3), 221–231. doi:10.1590/S0102-37722000000300005
- Finkenauer, C., Engels, R., & Baumeister, R. (2005). Parenting behaviour and adolescent behavioural and emotional problems: The role of self-control. *International Journal of Behavioral Development*, 29(1), 58–69. doi:10.1080/01650250444000333
- Fishman, E. A., & Meyers, S. A. (2000). Marital satisfaction and child adjustment: Direct and mediated pathways. *Contemporary Family Therapy*, 22(4), 437–452. doi:10.1023/A:1007848901640
- Gable, S., Crnic, K., & Belsky, J. (1994). Coparenting Within the Family System Influences on Children's Development. *Family Relations*, 43(4), 380–386. doi:10.2307/585368
- Gerard, J. M., Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2006). Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment: A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. *Journal of Family Issues*, 27(7), 951–975. doi:10.1177/0192513X05286020
- Harvey, E. (2000). Parenting Similarity and Children with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder. *Children & Family Behavior Therapy*, 22(3), 39–54. doi:10.1300/J019v22n03
- Hashimoto, S., Onuoha, F. N., Isaka, M., & Higuchi, N. (2011). The effect of adolescents' image of parents on children's self-image and mental health. *Child and Adolescent Mental Health*, 16(4), 186–192. doi:10.1111/j.1475-3588.2011.00596.x
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414–421.
- Instituto Nacional de Estatística (2014). *Anuário Estatístico de Portugal - 2013*. Acedido a 23 de Fevereiro de 2015, em <https://www.ine.pt>

- Karavasilis, L., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 153–164. doi:10.1080/0165025024400015
- Kawabata, Y., Alink, L. R. A., Tseng, W.-L., Ijzendoorn, M. H., & Crick, N. R. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review*, 31(4), 240–278. doi:10.1016/j.dr.2011.08.001
- Kerns, K. A., Gentzler, A. L., Grabill, C. M., & Aspelmeier, J. E. (2001). Parent–child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 69–81. doi:10.1037//0893-3200.15.1.69
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental Conflict and Parenting Behaviors: A Meta-Analytic Review. *Family Relations*, 49(1), 25–44. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x~
- Ledley, D.R., Marx, B.P., & Heimberg, R.G. (2005). Terminating therapy. In D.R. Ledley, B.P. Marx, & R.G. Heimberg, Making cognitive-behavioral therapy work – Clinical process for new practitioners (pp. 196-215). New York: The Guilford Press.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (1999). Marital Conflict, Family Processes, and Boys' Externalizing Behavior in Hisanic American and European American Families. *Journal of Clinical Child Psychology*, 28(1), 12–24. doi:10.1207/s15374424jccp2801_2
- Lindsey, E. W., & Mize, J. (2001). Interparental Agreement, Parent-Child Responsiveness, and Children's Peer Competence. *Family Relations*, 50(4), 348–354. doi:10.1111/j.1741-3729.2001.00348.x
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21. doi:10.1037/0893-3200.15.1.3
- Markman, H. J., & Halford, W. K. (2005). International Perspectives on Couple Relationship Education. *Family Process*, 44(2), 139–146. doi:10.1111/j.1545-5300.2005.00049.x
- Martínez, I., & García, J. F. (2007). Impact of parenting styles on adolescents' self-esteem and internalization of values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 338–348. doi:10.1017/S1138741600006600
- McCabe, K. M., & Barnett, D. (2000). The Relation Between Familial Factors and the Future Orientation of Urban, African American Sixth Graders. *Journal of Child & Family Studies*, 9(4), 491–508. doi:10.1023/A:1009474926880
- Mosmann, C. (2007). *A Qualidade Conjugal e os Estilos Educativos Parentais*. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Muris, P., Meesters, C., & van der Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-report attachment style and perceived rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171–183. doi:10.1023/A:1022858715598
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 671–679. doi:10.1037/a0015977
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144–167. doi:10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D., Russell, C. S., & Sprenkle, D. H. (2014). *Circumplex Model: Systemic Assessment and Treatment of Families*. New York: Routledge.
- Padilla-Walker, L. M., Carlo, G., Christensen, K. J., & Yorgason, J. B. (2012). Bidirectional relations between authoritative parenting and adolescents' prosocial behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 22(3), 400–408. doi:10.1111/j.1532-7795.2012.00807.x
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44(2), 263–271. doi:10.1037/0003-066X.44.2.329

- Piko, B. F., & Balázs, M. a. (2012). Control or involvement? Relationship between authoritative parenting style and adolescent depressive symptomatology. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 21(3), 149–155. doi:10.1007/s00787-012-0246-0
- Plunkett, S. W., Henry, C. S., Robinson, L. C., Behnke, A., & Falcon, P. C. (2007). Adolescent perceptions of parental behaviors, adolescent self-esteem, and adolescent depressed mood. *Journal of Child and Family Studies*, 16(6), 760–772. doi:10.1007/s10826-006-9123-0
- Pruchno, R., Burant, C., & Peters, N. D. (2013). Family Mental Health : Marital and Parent-Child Consensus as Predictors, 56(3), 747–758. doi:10.2307/352883
- Rauer, A. J., Karney, B. R., Garyan, C. W., & Hou, W. (2008). Relationship Risks in Context : A Cumulative Risk Relationship Approach to Understanding Relationship Satisfaction. *National Council on Family Relations*, 70(5), 1122–1135. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00554.x
- Roberts, M., & Steinberg, L. (1999). Unpacking Authoritative Parenting: Reassessing a Multidimensional Construct. *Journal of Marriage and Family*, 61(3), 574–587. doi:10.2307/353561
- Rollins, B. C., & Feldman, H. (1970). Marital Satisfaction over the Family Life Cycle. *Journal of Marriage and Family*, 32(1), 20–28. doi:10.2307/349967
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-Based Differences in Parenting Styles in a Sample with Preschool Children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89–99. doi:10.1080/00049539808257539
- Russell, A., Hart, C. H., Robinson, C. C., & Olsen, S. F. (2003). Children’s sociable and aggressive behaviour with peers: A comparison of the US and Australia, and contributions of temperament and parenting styles. *International Journal of Behavioral Development*, 27(1), 74–86. doi:10.1080/01650250244000038
- Smokowski, P. R., Rose, R. a., & Bacallao, M. (2010). Influence of risk factors and cultural assets on Latino adolescents’ trajectories of self-esteem and internalizing symptoms. *Child Psychiatry and Human Development*, 41(2), 133–155. doi:10.1007/s10578-009-0157-6
- Spanier, G. B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Scales for Assessing the Quality of Marriage and Similar Dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15–28. doi:10.2307/350547
- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005). Placing early attachment experiences in developmental context - The Minnesota Longitudinal Study. In & E. W. K. Grossmann, K. Groussmann (Ed.), *Attachment from Infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 48–70). New York: The Guilford Press.
- Stack, S., & Eshleman, J. R. (1998). Marital Status and Happiness: A 17-Nation Study. *Journal of Marriage and Family*, 60(2), 527–536. doi:10.2307/353867
- Tein, J., Roosa, M. W., & Michaels, M. (1994). Agreement Between Parent and Child Reports on Parental Behaviors. *Journal of Marriage and Family*, 56(2), 341–355. doi:10.2307/353104
- Van Brakel, A. M. L., Muris, P., Bögels, S. M., & Thomassen, C. (2006). A multifactorial model for the etiology of anxiety in non-clinical adolescents: Main and interactive effects of behavioral inhibition, attachment and parental rearing. *Journal of Child and Family Studies*, 15(5), 569–579. doi:10.1007/s10826-006-9061-x
- Webster-Stratton, C., & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early-onset conduct problems: processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40(6), 917–927. doi:10.1111/1469-7610.00509
- Yeh, K.-H. (2011). Mediating effects of negative emotions in parent-child conflict on adolescent problem behavior. *Asian Journal of Social Psychology*, 14(4), 236–245. doi:10.1111/j.1467-839X.2011.01350.x

Anexos

Anexo I: Autorizações dos autores dos questionários.



Anexo II: Questionário sociodemográfico da mãe.

Questionário sociodemográfico da mãe

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica da Universidade de Aveiro, estamos a realizar um estudo que pretende conhecer e caracterizar as dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico. Tal permitirá identificar fatores de maior vulnerabilidade que possam ser alvo de uma intervenção mais eficaz. Gostaríamos de pedir a sua colaboração neste estudo, pelo preenchimento de alguns questionários. As suas respostas são inteiramente confidenciais e anónimas e não trarão qualquer risco à sua família, nem serão de forma alguma transmitidas a terceiros. Agradecemos desde já a sua colaboração, lembrando que os questionários se referem às **pessoas com quem vive neste momento** (companheiro e adolescente que está a participar consigo nesta experiência).

Identificação:

Idade	
Nacionalidade	
Grau de instrução	
Profissão	

1. Alguma vez teve acompanhamento psicológico?
Sim ☐ Há quanto tempo? _____ Não ☐
2. Tem acompanhamento psicológico neste momento?
Sim ☐ Há quanto tempo? _____ Não ☐

Caraterização da relação conjugal:

1. Tipo de relação: Casamento ☐ União de facto ☐
2. Há quanto tempo habita com o seu parceiro? ____ anos e ____ meses
3. É o seu primeiro casamento/união de facto? Sim ☐ Não ☐
4. Quantos filhos tem? _____
5. Quantos dos seus filhos são filhos do seu parceiro atual? _____
6. O adolescente que vai participar consigo nesta investigação é filho do seu parceiro atual? Sim ☐ Não ☐

Anexo III: Questionário sociodemográfico do pai.

Questionário sociodemográfico do pai

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica da Universidade de Aveiro, estamos a realizar um estudo que pretende conhecer e caracterizar as dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico. Tal permitirá identificar fatores de maior vulnerabilidade que possam ser alvo de uma intervenção mais eficaz. Gostaríamos de pedir a sua colaboração neste estudo, pelo preenchimento de alguns questionários. As suas respostas são inteiramente confidenciais e anónimas e não trarão qualquer risco à sua família, nem serão de forma alguma transmitidas a terceiros. Agradecemos desde já a sua colaboração, lembrando que os questionários se referem às **peçoas com quem vive neste momento** (companheira e adolescente que está a participar consigo nesta experiência).

Identificação:

Idade	
Nacionalidade	
Grau de instrução	
Profissão	

1. Alguma vez teve acompanhamento psicológico?
Sim ☐ Há quanto tempo? _____ Não ☐
2. Tem acompanhamento psicológico neste momento?
Sim ☐ Há quanto tempo? _____ Não ☐

Caraterização da relação conjugal:

1. Tipo de relação: Casamento ☐ União de facto ☐
2. Há quanto tempo habita com a sua parceira? ____ anos e ____ meses
3. É o seu primeiro casamento/união de facto? Sim ☐ Não ☐
4. Quantos filhos tem? _____
5. Quantos dos seus filhos são filhos da sua parceira atual? _____
6. O adolescente que vai participar consigo nesta investigação é filho da sua parceira atual? Sim ☐ Não ☐

Anexo IV: Questionário sociodemográfico do adolescente dos grupos não clínicos 1 ou 2.

Questionário sociodemográfico do adolescente

Estamos a realizar um estudo que pretende conhecer e caraterizar as dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico, com o objetivo de melhorar o apoio dado a essas famílias. Gostaríamos de pedir a tua colaboração neste estudo, ao preencheres alguns questionários. As tuas respostas não trarão qualquer risco à tua família, nem serão de forma alguma transmitidas a outras pessoas. Agradecemos desde já a tua colaboração e lembramos que os questionários se referem às **pessoas com quem vives**.

Identificação:

Sexo	
Idade	
Se tiveres mais irmãos, escreve aqui as suas idades	
Em que país nasceste?	
Ano de escolaridade que frequentas	
Com quem vives? Se viveres em mais do que uma casa, diz em que dias moras em cada uma e quem lá vive.	

1. Alguma vez foste acompanhado(a) por um psicólogo ou psiquiatra?

Sim ☐ Há quanto tempo a trás? ____ anos e ____ meses Não ☐

Anexo V: Questionário sociodemográfico do adolescente do grupo clínico.

Questionário sociodemográfico do adolescente

Estamos a realizar um estudo que pretende conhecer e caraterizar as dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico, com o objetivo de melhorar o apoio dado a essas famílias. Gostaríamos de pedir a tua colaboração neste estudo, ao preencheres alguns questionários. As tuas respostas não trarão qualquer risco à tua família, nem serão de forma alguma transmitidas a outras pessoas. Agradecemos desde já a tua colaboração e lembramos que os questionários se referem às **peçoas com quem vives**.

Identificação:

Sexo	
Idade	
Se tiveres mais irmãos, escreve aqui as suas idades	
Em que país nasceste?	
Ano de escolaridade que frequentas	
Com quem vives? Se viveres em mais do que uma casa, diz em que dias moras em cada uma e quem lá vive.	

1. Há quanto tempo és acompanhado(a) por um psicólogo ou psiquiatra?
___ anos e ___ meses

Anexo VI: Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP).

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais

Versão Original: Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001

Versão Portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro, & M. Teresa Ribeiro, 2007

Instruções

Este questionário mede (1) com que frequência e de que modo a tua **mãe ou a pessoa que faz às vezes de mãe** atua contigo (2) com que frequência e de que modo o teu **pai ou a pessoa que faz às vezes de pai** atua contigo

Exemplo:

(1) Por favor, lê cada frase do questionário e pensa com que frequência a tua mãe ou a pessoa que faz às vezes de mãe atua deste modo contigo. Depois de escolheres a tua resposta, deverás indicá-la com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. A minha mãe deixa-me escolher a roupa que levo para a escola	1	2	3	4	5

(2) Depois pensa com que frequência o teu pai ou a pessoa que faz às vezes de pai, atua deste modo contigo. Depois de escolheres a tua resposta, deverás indicá-la com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. O meu pai deixa-me escolher a roupa que levo para a escola	1	2	3	4	5

Lembra-te: Para cada frase, diz com que frequência a tua mãe ou a pessoa que faz às vezes de mãe atua desta maneira contigo	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. A minha mãe é sensível às minhas necessidades e sentimentos.	1	2	3	4	5
2. A minha mãe castiga-me fisicamente.	1	2	3	4	5
3. A minha mãe tem em conta os meus desejos, antes de me pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando pergunto à minha mãe por que tenho de obedecer, ela diz: “porque eu disse” ou “porque sou tua mãe e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5. A minha mãe explica-me como se sente quando me comporto bem e quando me comporto mal.	1	2	3	4	5
6. A minha mãe bate-me quando sou desobediente.	1	2	3	4	5

Lembra-te: Para cada frase, diz com que frequência o teu pai ou a pessoa que faz às vezes de pai atua desta maneira contigo	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. O meu pai é sensível às minhas necessidades e sentimentos.	1	2	3	4	5
2. O meu pai castiga-me fisicamente.	1	2	3	4	5
3. O meu pai tem em conta os meus desejos, antes de me pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando pergunto ao meu pai por que tenho de obedecer, ele diz: “porque eu disse” ou “porque sou teu pai e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5. O meu pai explica-me como se sente quando me comporto bem e quando me comporto mal.	1	2	3	4	5
6. O meu pai bate-me quando sou desobediente.	1	2	3	4	5

Anexo VII: Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA).

Inventário de Vinculação na Adolescência

Versão Original: Armsden & Greenberg (1987)

Versão Portuguesa: Neves, L., Soares, I., & Silva, M. (1999)

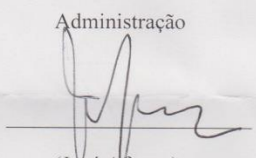
PARTE I	
Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos teus sentimentos para com a tua mãe ou a pessoa que faz às vezes de mãe .	
Por favor, lê cada afirmação cuidadosamente e marca uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento consideras mais verdadeira.	
No fim, certifica-te de que respondeste a todas as afirmações.	

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos.					
2. Acho que a minha mãe é uma boa mãe.					
3. Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho.					
4. A minha mãe aceita-me tal como sou.					
5. Gosto sempre de saber a opinião da minha mãe sobre as coisas que são importantes para mim.					
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos à minha mãe.					

PARTE II	
Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos teus sentimentos para com o teu pai ou a pessoa que faz às vezes de pai .	
Por favor, lê cada afirmação cuidadosamente e marca uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento consideras mais verdadeira.	
No fim, certifica-te de que respondeste a todas as afirmações.	

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1. O meu pai respeita os meus sentimentos.					
2. Acho que o meu pai é um bom pai.					
3. Gostava de ter um pai diferente do que tenho.					
4. O meu pai aceita-me tal como sou.					
5. Gosto sempre de saber a opinião do meu pai sobre as coisas que são importantes para mim.					
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos ao meu pai.					

Anexo VIII: Autorização do Concelho de Direção do Centro Hospitalar do Baixo Vouga, E.P.E.

CENTRO HOSPITALAR DO BAIXO VOUGA, E.P.E. / AVEIRO			
<hr/>			
Avenida Artur Ravara – 3814-501 AVEIRO Tel. 234 378 300 – Fax 234 378 395 sec-geral@hdaveiro.min-saude.pt Matrícula na Conservatória do Registo Comercial de Aveiro Capital Social 40.284.651 € Pessoa Colectiva nº 510 123 210		Ex.ma Senhora <div style="background-color: #cccccc; width: 150px; height: 20px; margin: 5px 0;"></div> 3840-416 Vagos	
<hr/>			
S/ Ref.ª	S/ Comunicação de	N/ Ref.ª	Aveiro,
	12-12-2014	059395	10-02-2015
ASSUNTO: Pedido de recolha de dados no Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental.			
<p>Em resposta ao pedido sobre o assunto em epígrafe, informa-se que mediante o parecer favorável da Comissão de Ética, está autorizado.</p> <p>Junta-se em anexo, o parecer da Comissão de Ética.</p> <p>Com os melhores cumprimentos,</p>			
<p style="text-align: right;">O Presidente do Conselho de</p> <p style="text-align: right;">Administração</p> <div style="text-align: right;"> (José Afonso)</div>			

a indicar o número e as referências deste documento. Em cada ofício tratar-se de um assunto.

GM

Anexo IX: Consentimento informado individual dos pais.

Consentimento informado

Dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico

Orientadora: Doutora Paula Vagos

A presente investigação decorre no âmbito do Mestrado em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica, da Universidade de Aveiro. Tem como seu principal objetivo conhecer e caraterizar as dinâmicas familiares e sociais de adolescentes com e sem acompanhamento psicológico. Tal permitirá identificar fatores de maior vulnerabilidade que possam ser alvo de uma intervenção mais eficaz.

Gostaríamos de pedir a sua colaboração neste estudo, pelo preenchimento de alguns questionários; alguns destes questionários serão dirigidos a si e ao(à) seu(sua) parceiro(a), outros ao seu(sua) filho(a). Estimamos que o preenchimento destes questionários demore cerca de 20 minutos. As suas respostas são inteiramente confidenciais e anónimas e não trarão qualquer risco à sua família, nem serão de forma alguma transmitidas a terceiros. Agradecemos desde já a sua colaboração. A vossa participação é totalmente voluntária; podem desistir de participar em qualquer momento, bastando para isso informarem a investigadora.

Para o esclarecimento de qualquer dúvida poderá contactar a investigadora Ana Ferreira. Agradecemos desde já a sua atenção.

Tive oportunidade de ler a ficha de consentimento informado e de colocar as questões que entendi pertinentes.

Assinatura do Participante

____/____/____

Data